

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1996

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

A ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO CASAL DE BARRINHOS (OEIRAS)

Júlio Roque Carreira⁽¹⁾, João Luís Cardoso⁽²⁾ & Fernando Peixoto Lopes⁽³⁾

1 - INTRODUÇÃO

O Casal de Barrinhos implanta-se na parte inferior da encosta meridional do alto do mesmo nome, pequena colina com 107 de altitude máxima. Do ponto de vista geológico, a região é ocupada por rochas basálticas de idade neocretácica, que originaram solos de grande fertilidade, intensamente cultivados até à actualidade.

Do ponto de vista geomorfológico, trata-se de plataforma de declive suave, de altitude entre os 70 e os 80 m, voltada a Sul, dominando o estuário do Tejo e na adjacência de linha de água tributária da margem direita da ribeira de Algés, que naquele estuário desaguava. As suas coordenadas são (Fig. 1): R 044 952 (Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000, folha 431, Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1971).

A primeira referência ao sítio deve-se a PAÇO (1940, 1970), acerca de materiais paleolíticos dali provenientes; mais tarde, em consequência de grandes movimentações de terras relacionadas com a construção do terminal rodoviário da Carris, foi recolhido diverso espólio atribuído ao Calcolítico, de que se publicou apenas breve notícia (CARDOSO *et al.*, 1985). Na Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras (CARDOSO & CARDOSO, 1993), a estação corresponde ao n.º inventário 103.

Os materiais agora publicados resultaram de colheitas de superfície efectuadas após a conclusão das referidas obras, em zona adjacente, situada a Este do terraplano então criado. Trata-se de área circunscrita, limitada do lado Norte pela auto-estrada do Estoril, e a Sul por troço de outra estrada, paralelo à referida via, na actualidade totalmente ocupado pelas instalações do ARQUIPARQUE (Fig. 2) actualmente, da estação arqueológica nada resta.

A concentração de cerâmicas em zona tão circunscrita, sem evidenciarem acções de transporte – ao contrário, exibem superfícies de fractura antigas com arestas vivas – é argumento decisivo para se afastar a hipótese de terem provindo do alto próximo, por gravidade.

Em consequência, considera-se demonstrada a ocupação pré-histórica da referida plataforma, sem quaisquer condições naturais de defesa, revelando estratégia de ocupação do território idêntica à de outros sítios da mesma época e região, onde a fertilidade dos solos e, sobretudo, a disponibilidade de água – que era bem evidente, no local – foram

⁽¹⁾ Rua Inácio de Sousa, n.º. 5, 4.º. andar, 1500 Lisboa.

⁽²⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

⁽³⁾ Técnico Superior do Centro Nacional da Cultura. Lisboa.



Fig. 1 – Casal dos Barrinhos. Localização da estação na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25000 (folha nº. 431, Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1971) e na Península Ibérica.



Fig. 2 – Derradeiro testemunho da estação do Casal de Barrinhos: estreito talude entre a auto-estrada do Estoril e as instalações do ARQUIPARQUE (fot. de J. L. Cardoso).

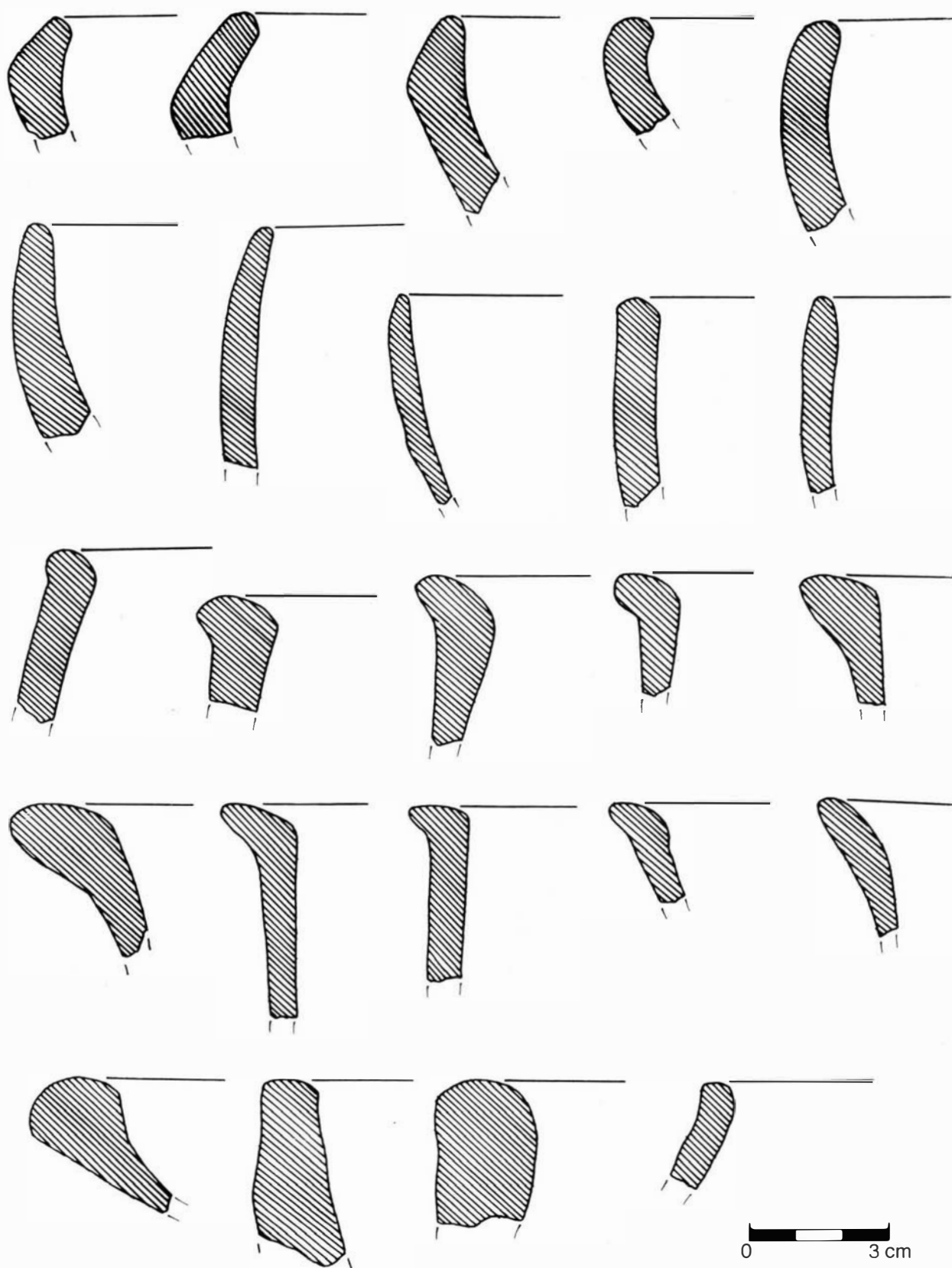


Fig. 3 – Casal de Barronhos. Perfil de recipientes lisos neo-calcolíticos (desenhos de Carlos Lemos).

determinantes para a fixação de pequenas comunidades humanas como as que ali se teriam instalado, especialmente no Neolítico final e no período campaniforme.

2 - OS MATERIAIS

O espólio arqueológico obtido em numerosas recolhas de superfície é dominado por materiais cerâmicos, lisos ou decorados; os materiais líticos recolhidos, sobretudo integrando percutores e resíduos de talhe, são incaracterísticos; desta forma, não serão considerados neste trabalho.

2.1 - Cerâmicas lisas neo-calcolíticas

O conjunto de Barronhos parece corresponder sobretudo ao Neolítico final (taças carenadas) e ao Calcolítico, embora algumas formas se inscrevam indiferenciadamente em qualquer dos referidos períodos, designamente os vasos de bordo em aba e as taças hemisféricas lisas (Fig. 3). Considerando a limitação inerente a peças de recolha superficial, acentuada pelo facto de as formas lisas poderem ter larga diacronia, é crível que algumas delas possam ser mais recentes e deste modo pertencerem à Idade do Bronze, designadamente as hemisféricas.

2.2 - Cerâmicas decoradas

As cerâmicas decoradas que se recolheram no Casal de Barronhos foram todas desenhadas. A tipologia acentua a larga diacronia de ocupação do sítio, ilustrando as seguintes fases culturais:

2.2.1 - Neolítico final

Pertence a esta fase fragmento de recipiente com bordo em aba, com decoração denteada na orla do lábio (Fig. 4, nº. 1).

2.2.2 - Calcolítico inicial

Ao início do Calcolítico corresponde fragmento de copo caneladado (Fig. 4, nº. 2); trata-se de um dos recipientes característicos dessa fase, na Estremadura, a par dos três fragmentos de taças, com decoração canelada (Fig. 4, nº. 5 e 6) ou incisa (Fig. 4, nº. 4), ou da taça baixa com decoração interior (Fig. 4, nº. 3), muito embora tais recipientes possam atingir o início do Calcolítico pleno, como foi demonstrado no vizinho povoado fortificado de Leceia (escavações dirigidas por J. L. C.).

2.2.3 - Calcolítico pleno

Apenas inquestionavelmente representado por fragmento de grande vaso globular (“vaso de provisões”), decorado por sulcos largos e pouco profundos em torno da abertura (Fig. 4, nº. 7).

2.2.4 - Calcolítico final

Esta fase encontra-se representada pelas cerâmicas campaniformes, de que se recolheram abundantes exemplares, repartidos pelos seguintes grupos:

- vasos de perfil suave (Fig. 4, nº. 8 a 10; Fig. 5, nº. 1 e 2). Apresentam, de modo geral, superfícies engobadas e bem polidas. Dos cinco exemplares, três ostentam decoração “marítima” e dois decoração linear; apenas em um caso se identificou a técnica incisa (Fig. 4, nº. 10), correspondendo os restantes à técnica pontilhada.

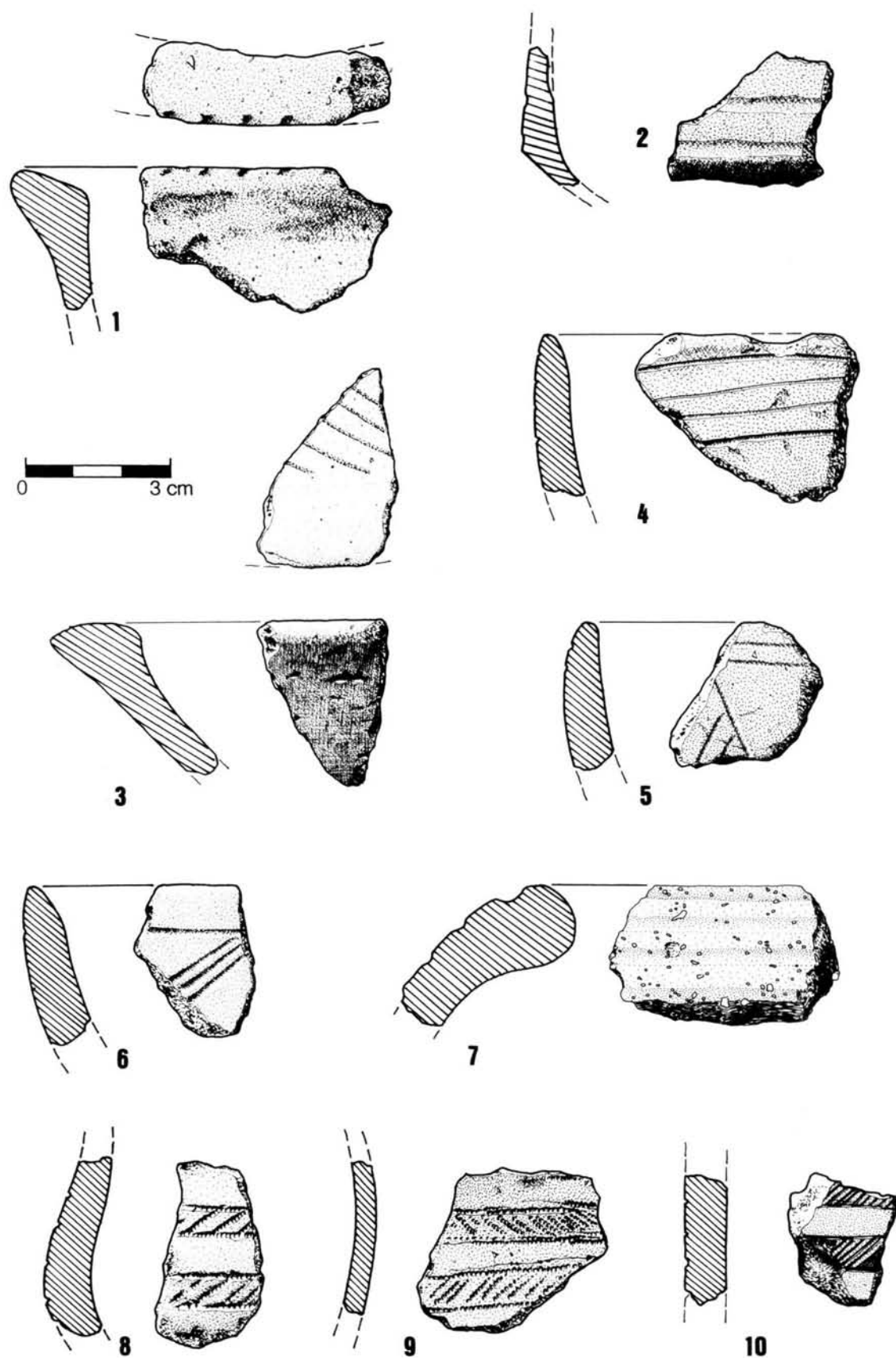


Fig. 4 – Casal de Barronhos. Cerâmicas do Neolítico final, do Calcolítico inicial e campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

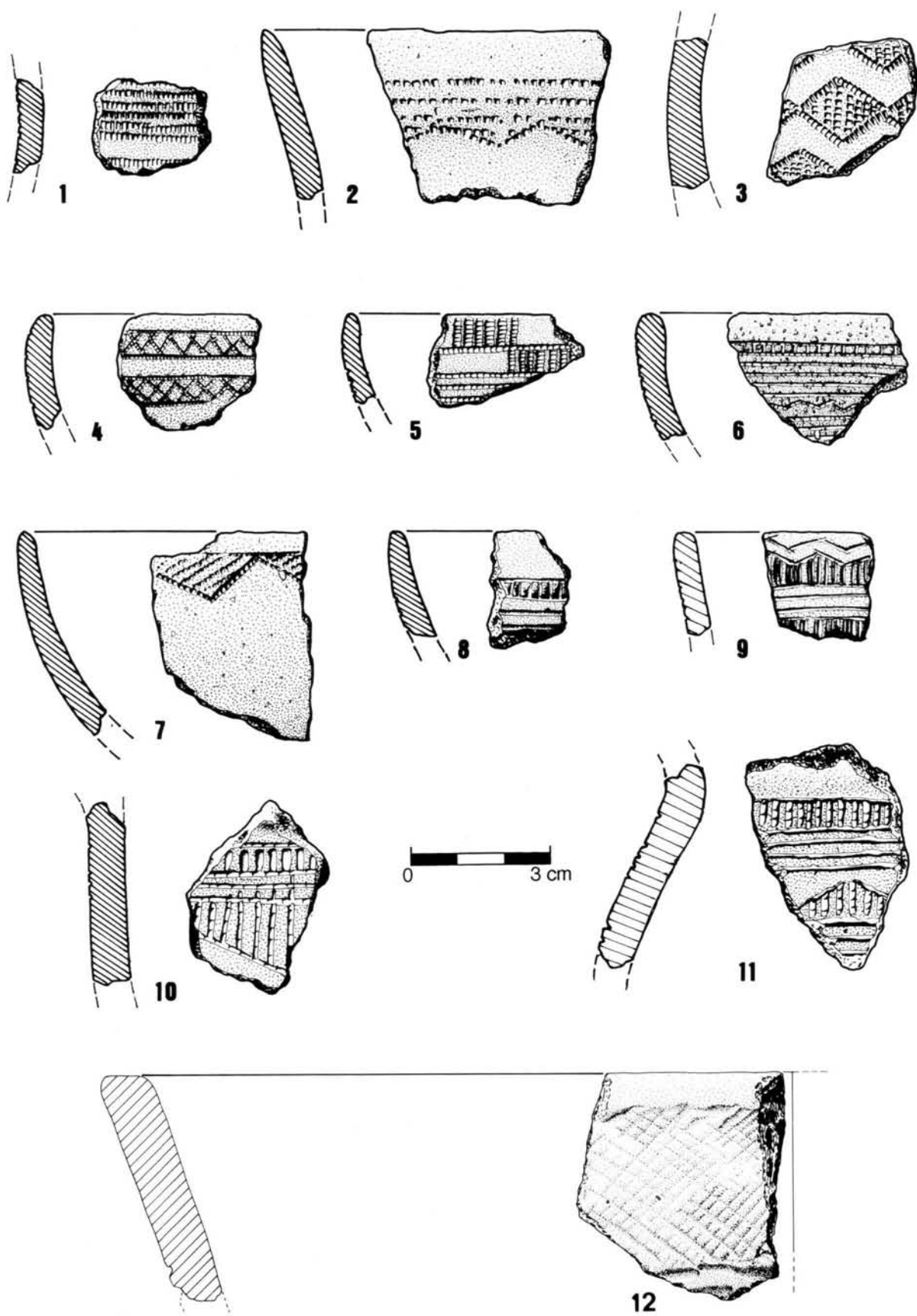


Fig. 5 – Casal de Barronhos. Cerâmicas campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

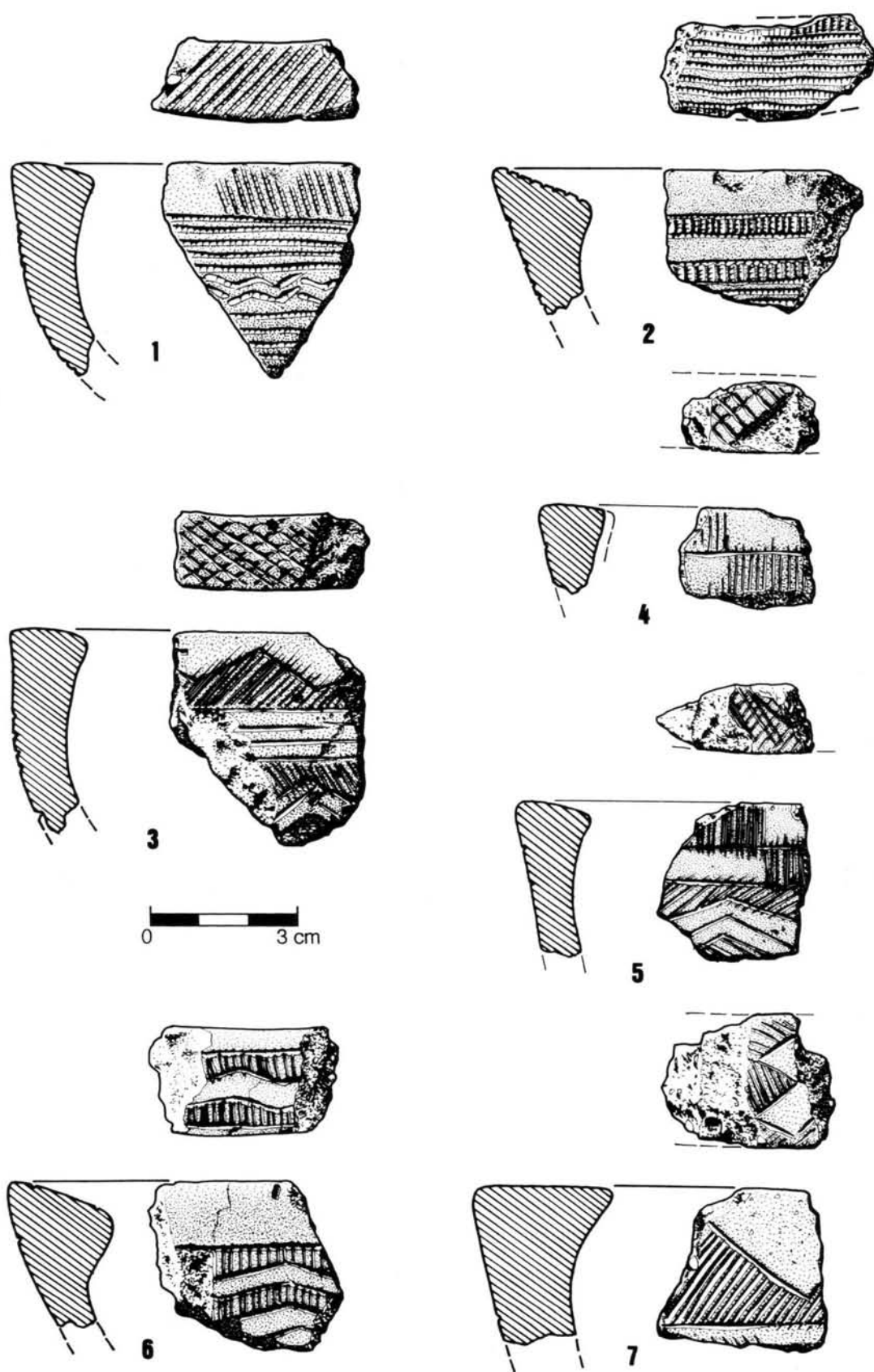


Fig. 6 – Casal de Barronhos. Cerâmicas campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

- taças hemisféricas de bordo simples não espessado (Fig. 5, nº. 4 a 8). A proporção entre o uso da técnica pontilhada e o da incisa é idêntica à da forma anterior. As decorações são singelas, concentrando-se em estreita banda abaixo do bordo, com predomínio dos elementos decorativos lineares.

- taças de Palmela ou de bordo aplanado (Figs. 6 e 7). Tal como se verifica em outros sítios “abertos” campaniformes, de carácter habitacional, constitui a forma predominante. Dos catorze exemplares recolhidos, apenas um se encontra incompleto no bordo; dos treze restantes, doze possuem-no decorado; a exemplo do verificado no povoado de Chibanes, Palmela (CARREIRA, 1995), as taças que não possuem alargamento importante do bordo ostentam, como motivo predominante, o xadrez, no respectivo lábio. À medida que a largura aumenta, desenvolvem-se motivos cada vez mais complexos, avultando combinações de triângulos e losangos preenchidos interiormente. Da mesma forma, as métopas são características dos exemplares de maiores dimensões, sejam eles com decoração pontilhada ou incisa.

- caçoilas de ombro (Fig. 8). Todos os exemplares recolhidos apresentam decoração a pontilhado. Predominam recipientes de pequenas dimensões (Fig. 8, nº. 3 a 5 e 7), a par de outros, de médias (Fig. 8, nº. 6) ou grandes dimensões (Fig. 8, nº. 1 e 2). Nalguns casos a decoração pontilhada confunde-se com linhas incisadas devido à profundidade das impressões. No que concerne a motivos decorativos, predominam os triângulos preenchidos.

- caçoilas carenadas (Fig. 5, nº. 9, 11 e 12). Esta forma, tida tradicionalmente por tardia nos conjuntos campaniformes, diferencia-se da anterior por uma maior inclinação das paredes podendo, assim, isolar-se, mesmo na falta da respectiva carena; dos três fragmentos recolhidos, dois são incisados (nº. 9 e 12) e um decorado a pontilhado (nº. 11).

- formas indeterminadas (Fig. 5, nº. 3 e 10; Fig. 9 e Fig. 10, nº. 1 a 5). Nesta rubrica incluem-se diversos fragmentos, com e sem bordo, ostentando diversas técnicas e motivos decorativos; no que concerne à técnica decorativa, identificaram-se dez fragmentos com decoração incisa (Fig. 9, nº. 4, 8 a 11 e Fig. 10, nº. 1 a 5) e seis com decoração pontilhada (Fig. 9, nº. 1 a 3 e 5 a 7). Quanto aos motivos decorativos, dominam os triângulos preenchidos.

A análise das formas campaniformes do Casal de Barrinhos conduziu aos seguintes resultados:

- vasos de perfil suave - 5 exemplares; um com decoração incisa e os restantes a pontilhado;
- taças hemisféricas de bordo simples não espessado - 5 exemplares; um com decoração incisa e quatro a pontilhado;
- taças de Palmela ou de bordo aplanado - 14 exemplares; nove apresentam decoração a pontilhado;
- caçoilas de ombro - 7 exemplares; todas com decoração a pontilhado;
- caçoilas carenadas - 3 exemplares; apenas um exemplar é a pontilhado;
- formas indeterminadas - 18 exemplares; dez possuem decoração incisa.

Apesar de ser conjunto de recolha superficial, parece evidenciar-se, na referida distribuição, uma certa coerência interna, com paralelos noutros pequenos povoados campaniformes da região (CARDOSO & CARREIRA, 1996), a ser assim, tal espólio corresponderia ao estacionamento, por certo durante um período de tempo limitado, de pequena comunidade, atraída pela abundância de água e pela fertilidade do solo.

De considerar, ainda, dois fragmentos de “cinchos” (Fig. 10, nº. 6 e 7), presumivelmente utilizados na produção de lacticínios. Considerando a larga predominância, no espectro cerâmico, dos fragmentos campaniformes, é crível que estes também se integrem naquele conjunto.

2.2.5 - Idade do Bronze

No conjunto das cerâmicas lisas ocorrem formas indubitavelmente da Idade do Bronze (Fig. 11 e 12); destes a larga maioria pode inscrever-se no Bronze Final; apenas um pequeno conjunto, será anterior, de que destacamos:

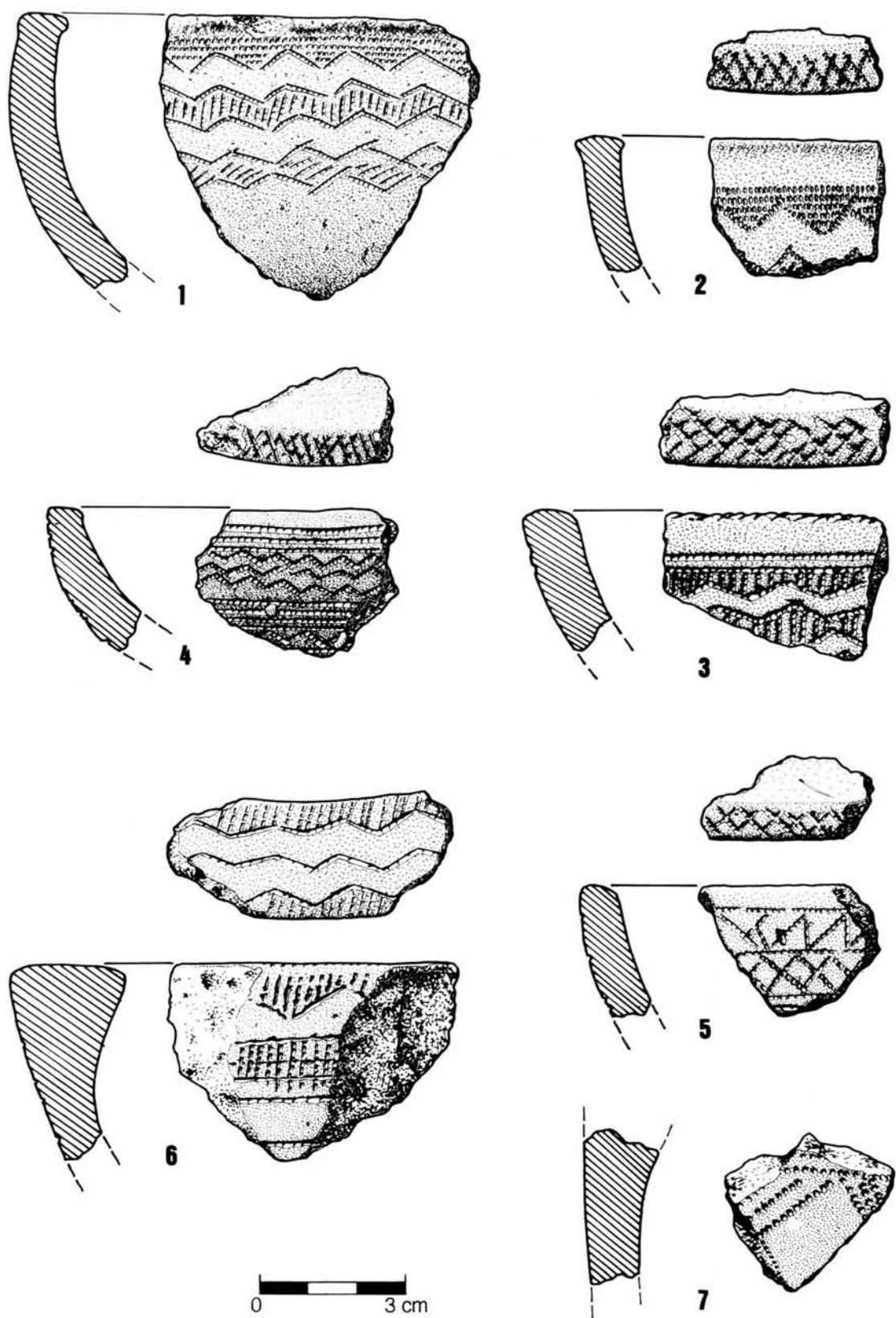


Fig. 7 – Casal de Barrinhos. Cerâmicas campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

- um “applique” mamilóide localizado sobre vaso de carena suave (Fig. 11, nº. 1), com paralelos na necrópole do Bronze I do Sudoeste de Atalaia (Ourique), sepultura IV, 9 (SCHUBART, 1965, Fig. 14 b);
- um bordo de garrafa, recordando exemplares do Bronze do Sudoeste e da Estremadura (Fig. 11, nº. 2);
- um fragmento de peça incurvada, de secção circular, cuja função se ignora (Fig. 11, nº. 3). Morfologicamente, aproxima-se dos pesos de tear em forma crescente e secção circular do Calcolítico do Sudoeste, mas é de tamanho muito superior. Alguns exemplares conhecidos em outras estações conservam as extremidades, que são aplanadas, excluindo a hipótese de corresponder a asa de recipiente.

De entre os restantes fragmentos cerâmicos da Fig. 11, avultam os bordos golpeados (Fig. 11, nº. 4 e 6), que têm no povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1986) o seu mais próximo paralelo bem datado (século XIII AC, cf. CARDOSO, 1995).

As formas mais abundantes correspondem às grandes taças de carena média ou alta bem marcada e parede interna suavizada (Fig. 11, nº. 1, 3 a 7). Outra forma análoga mas de tamanho menor, ostenta asa (crivelmente de fita) que ligava a carena e o bordo (Fig. 12, nº. 9). De mencionar, ainda, duas formas pouco comuns: pequeno pote de colo estrangulado (Fig. 12, nº. 8) e uma rara taça hemisférica com duas perfurações paralelas, tubulares e verticais (Fig. 12, nº. 10).

3 - CONCLUSÕES

O estudo dos materiais cerâmicos da estação pré-histórica de Barrinhos permitiu as seguintes conclusões gerais:

1 - Trata-se de sítio aberto, no sopé de pequena elevação, dominando o estuário do Tejo e nas proximidades imediatas de pequeno curso de água e de nascentes, que teriam justificado, em parte, a preferência dada à sua ocupação em diversos momentos da Pré-história.

2 - O estudo do espólio permitiu identificar diversas presenças ao longo de cerca de dois milénios: desde, pelo menos o Neolítico final (segunda metade do IV milénio, princípios do III milénio AC) até o Bronze Final (finais do II, princípios do I milénio AC).

3 - A presença ante-campaniforme é ténue: tal facto deverá ser interpretado à luz da estratégia de ocupação do território então vigente, privilegiando a concentração de populações em sítios altos e melhor defensáveis, distribuindo-se, pelos campos adjacentes (onde se dedicavam à agricultura, pastoreio, actividades silvícolas e cinegéticas), segmentos de tais comunidades, em fase crescente de diferenciação social; a estação de Barrinhos documenta, justamente, um desses casos, ainda tão pouco conhecidos.

4 - A abundância de cerâmicas campaniformes, coincide com o período mais pujante da estação. Tal situação tem paralelo em outros locais da baixa Estremadura; no referido período, ter-se-ia assistido, pois, à pulverização pela região de pequenos grupos humanos, sediados em locais abertos, e de carácter precário, recordando a situação vigente mais de um milénio antes, no Neolítico final. Neste particular, Barrinhos constitui exemplo dos mais evidentes, ilustrando cabalmente tal modelo.

5 - Documentando a larga diacronia da ocupação, no decurso da Idade do Bronze, e especialmente no seu final, torna o local a ser escolhido para estacionamento de pequena comunidade, voltada para a exploração agrícola dos férteis terrenos adjacentes, corporizada por numerosos povoados da região.

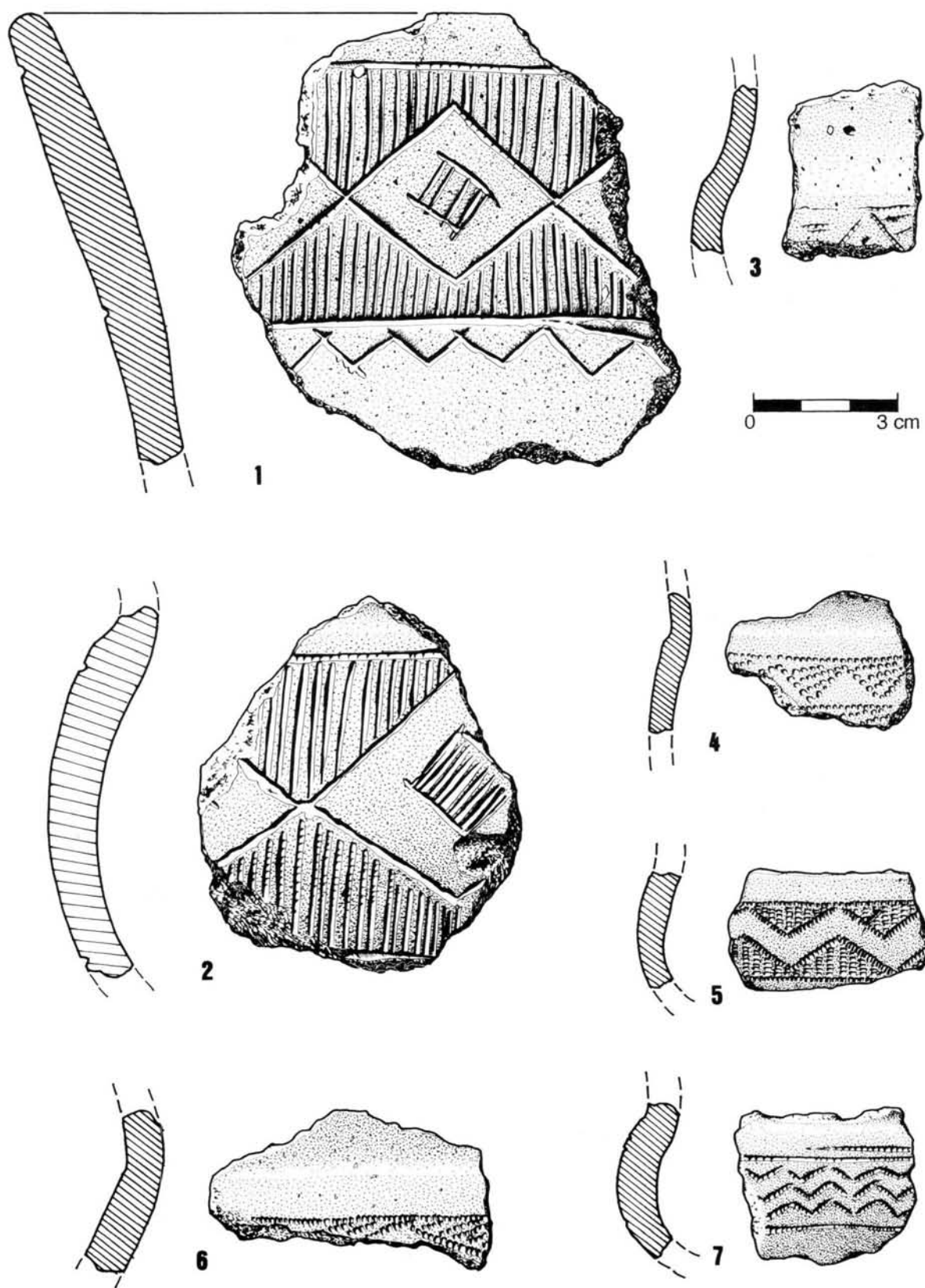


Fig. 8 – Casal de Barrinhos. Cerâmicas campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

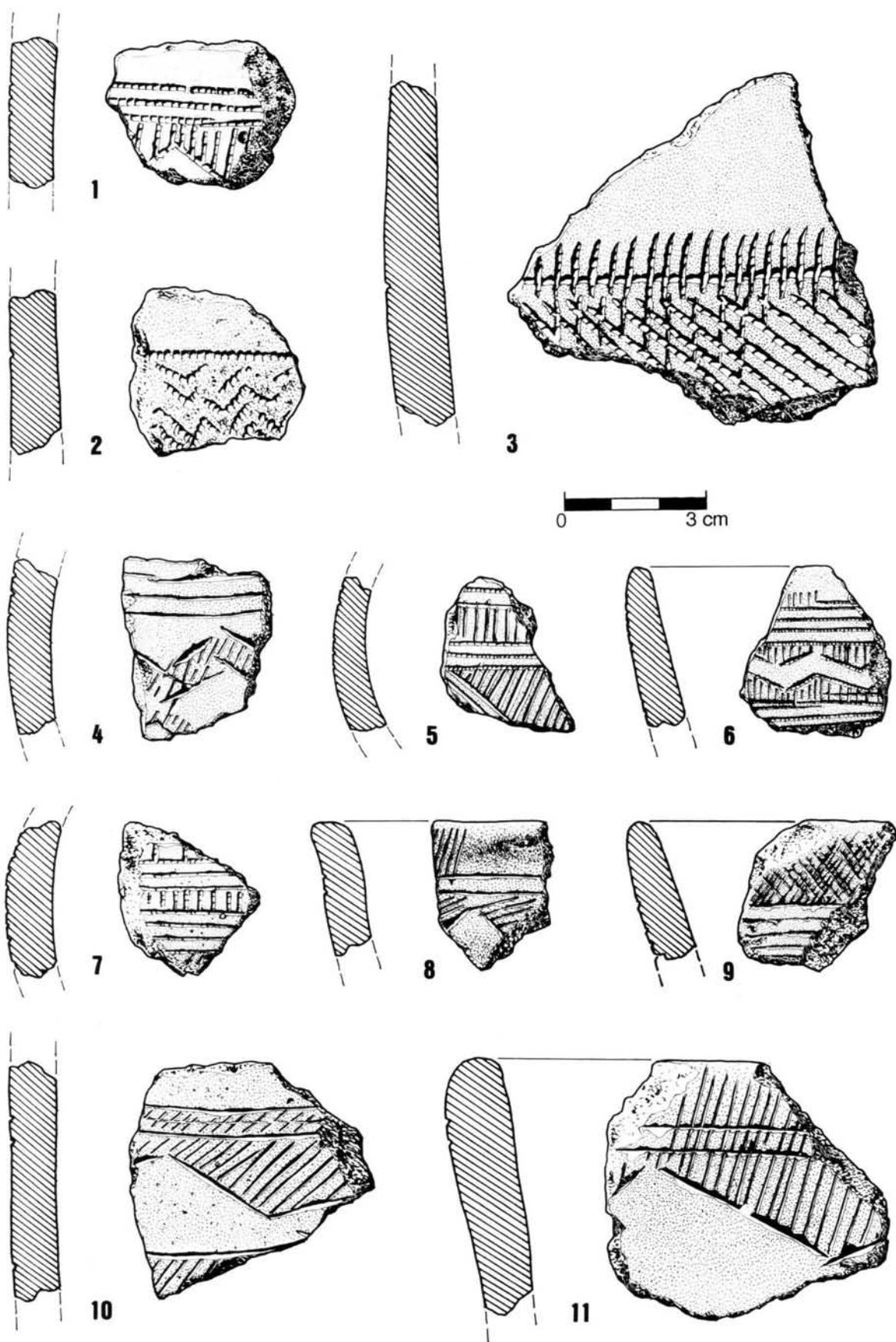


Fig. 9 – Casal de Barronhos. Cerâmicas campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

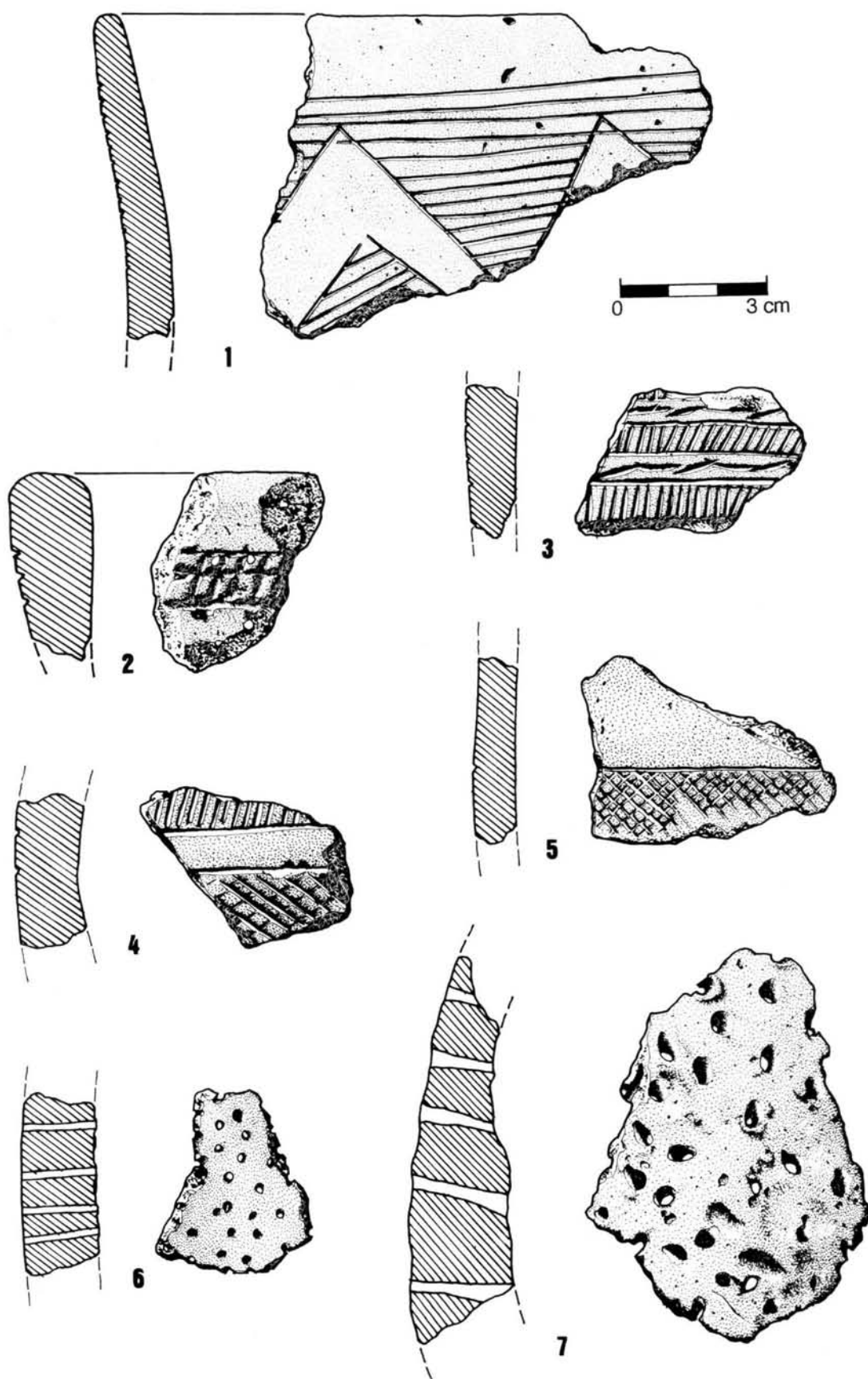


Fig. 10 – Casal de Barrinhos. Cerâmicas campaniformes e industriais (desenhos de Carlos Lemos).

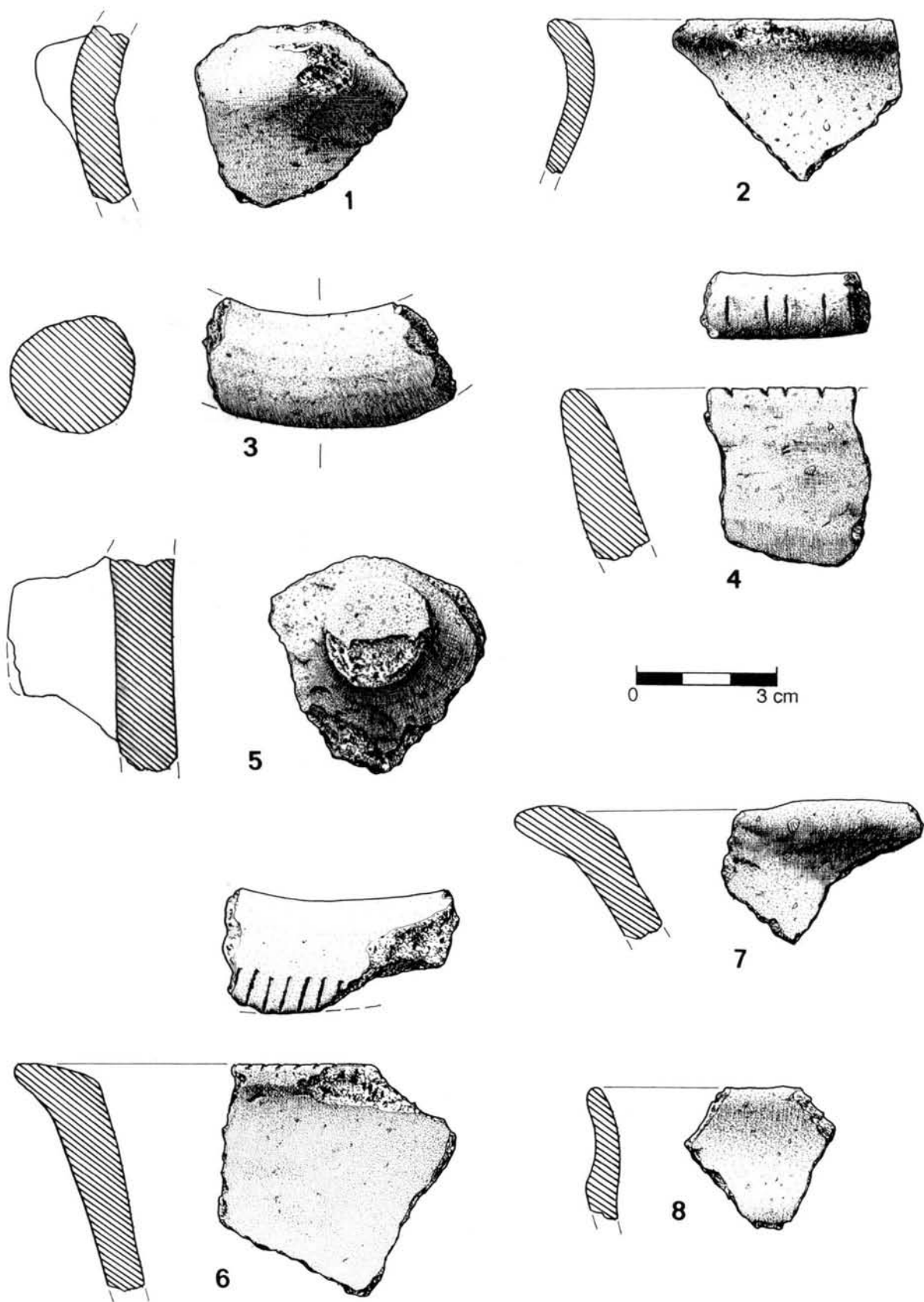


Fig. 11 – Casal de Barronhos. Cerâmicas lisas e decoradas da Idade do Bronze (desenhos de Carlos Lemos).

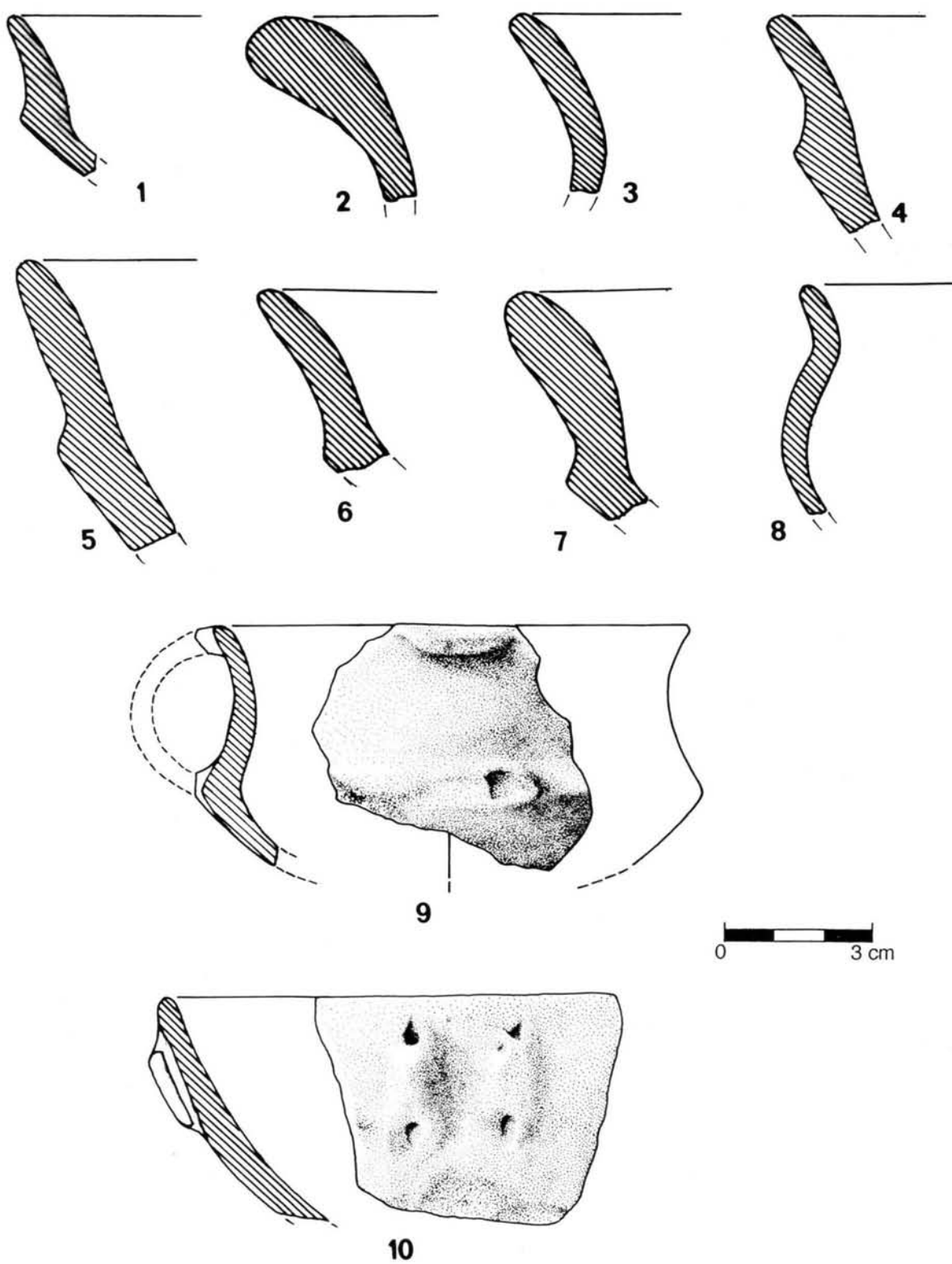


Fig. 12 – Casal de Barronhos. Cerâmicas lisas e decoradas da Idade do Bronze (desenhos de Carlos Lemos).

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, J. L. – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34, p. 33-74.

CARDOSO, J. L.; & CARDOSO, G. (1993) – Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, 126 p.

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 317-340.

CARDOSO, J. M.; MACHADO, A. & GAIVOTO, C. (1985) – Casal de Barronhos – período Calcolítico. *Informação Arqueológica*, 5, p. 17.

CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) – A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa – Revista Municipal*, 2^a. Série, 15, p. 3-18.

CARREIRA, J. R. (1995) – A ocupação pré-histórica do alto de Chibanes (Palmela). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3. Lisboa. (no prelo).

SCHUBART, H. (1965) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 22, p. 7-136.

SCHUBART, H. (1971) – Acerca de la ceramica del Bronce tardio en el Sur y Oeste peninsular (Separata de 32 p.). *Trabajos de Prehistoria*, 28.